



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

RESGATE DA IDENTIDADE ÉTNICO RACIAL ATRAVÉS DE JOGOS E BRINCADEIRAS TRADICIONAIS: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Rosemary Ramos
Faculdade Visconde de Cairu – FVC CEPPEV
Faculdade de Tecnologia e Ciências de Salvador
rosel.ramos@gmail.com

INTRODUÇÃO

Embora a sociedade brasileira tenha sido erigida a partir de um caldeirão multiétnico e cultural, ainda perdura, nos espaços escolares, uma visão eurocêntrica de nossa constituição enquanto nação.

E nossos educadores, constituídos profissionalmente a partir de uma perspectiva homogeneizadora e linear, invariavelmente trazem para o espaço escolar essa neutralidade imposta através de sua formação, desconsiderando valores básicos da composição pluriétnica da sociedade brasileira. Diante dessa realidade, detectamos a necessidade de resgatar para o cotidiano docente, jogos, brincadeiras e brinquedos tradicionais que, como parte do patrimônio imaterial de um determinado grupo social, revelam o seu universo cultural em determinado momento histórico.

Este trabalho apresenta o resultado de um percurso formativo continuado com professores do Ensino Fundamental, tendo em vista o resgate e o fortalecimento da identidade étnico racial, através de jogos e brincadeiras tradicionais.

Na pesquisa ora apresentada, partiu-se do seguinte problema: Como fortalecer o trabalho de identidade étnico racial nas escolas, ultrapassando a visão homogeneizadora e linear de mundo e sociedade, reconhecendo a composição pluriétnica da sociedade brasileira?

Constitui-se objetivo principal sensibilizar o docente quanto à compreensão e reconhecimento de que os jogos e brincadeiras são dotados de conteúdos culturais que influenciam na formação da identidade étnico-racial das crianças no âmbito escolar, constituindo-se, portanto, mecanismo de mediação intercultural em classes de ensino fundamental.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A arquitetura deste estudo contempla as seguintes ações: nível 01 - Resgate e identificação dos jogos e brincadeiras tradicionais, especialmente aqueles vivenciados na infância dos docentes; nível 02 - Vivência de jogos e brincadeiras tradicionais diversos; nível 03 – Identificação da origem dos jogos e brincadeiras vivenciados, reconhecendo sua identidade étnica, e relacionando-os ao seu cotidiano pedagógico.

Para tal dialogamos com Nóvoa (1995) e Souza (2002), Brougère (2000), Santa Marli (2001), Negrine (2001) e Ramos (2003). O percurso metodológico, cuja natureza é qualitativa, utiliza como eixo a pesquisa exploratória, centrada nos relatos de vida e na vivência das atividades lúdicas tradicionais, que irá constituir o percurso formativo das docentes.

Seu foco é dirigido à desconstrução de estigmas relacionados a questões raciais e étnicas, através da difusão cultural dos jogos e brincadeiras tradicionais das diversas culturas, ainda considerado marginais, porém parte do patrimônio da humanidade. Além disso, a proposta formativa, fruto da pesquisa realizada, pretende atender a formação junto a educadores e educandos, de valores e posturas que contribuam para que os cidadãos valorizem seu pertencimento étnico-racial.

CONSTRUINDO RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS DE FORMA POSITIVA

Os altos índices de reprovação e evasão escolar, o aumento contínuo dos casos explícitos de agressões físicas de / entre estudantes e docentes no espaço escolar, os níveis de empobrecimento de nossa população tem revelado, há muito, as conseqüências do modelo social vigente: ancorado em práticas eurocêtricas, excludentes e violentas.

Somos um povo constituído de forma multiétnica e, por isso, tão rico culturalmente. Nossa diversidade étnico-racial deveria ser motivo de orgulho – e não razão para discriminação. A superação e desconstrução deste cenário tão arraigado tem sido imperativo, exigindo um esforço hercúleo. Muito mais do que discursos ou posicionamentos sociais, trata-se de adotar políticas educacionais e estratégias pedagógicas que valorizem a diversidade, contribuam com a superação das desigualdades raciais presentes em nossa sociedade, especialmente dentro dos muros da escola.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Em 1998, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que estabelecem a inserção da temática Pluralidade Cultural no currículo da escola tivemos o primeiro passo para mudança no que diz respeito às ações afirmativas. Inicia-se uma preocupação em estabelecer um caráter mais humano e crítico, às propostas educacionais no país.

Ao reconhecer que “o Brasil, ao longo de sua história, estabeleceu um modelo de desenvolvimento excludente, impedindo que milhões de brasileiros tivessem acesso à escola ou nela permanecessem” BRASIL (2002). O país dá um grande passo para enfrentar a injustiça presente em nosso sistema educacional, especialmente, ao criar a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), a Seppir (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial), instituir a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial e sanciona em 2003, a Lei nº 10.639/03-MEC, que altera a LDB (Lei Diretrizes e Bases) e estabelece a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental, recolocando a questão racial na agenda nacional, salientando a importância de se adotarem políticas públicas afirmativas de forma democrática, descentralizada e transversal

Com isto pretende-se “promover uma modificação positiva na realidade vivenciada pela população negra, rumo a uma sociedade democrática, justa e igualitária. Seu ideal é reverter os perversos efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo” (SEPPPIR, 2004)

A educação constitui-se um dos principais mecanismos de transformação de um povo. Contudo há que se destacar que o sucesso da aplicação da Lei nº 10.639/03 exige muito mais do que garantir vagas para negros nos bancos escolares, ou incluir componentes curriculares no currículo. Requer a transmissão da cultura africana de forma positiva, em uma atitude de reconhecimento do valor e importância do povo africano na constituição deste país, interferindo positivamente na autoestima de todos os grupos e a capacitação de educadores que rejeitem a prática de valores excludentes no espaço escolar, posicionando-se a favor da inclusão defendendo uma postura pedagógica que valorize a diversidade e combata os preconceitos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Não há dúvidas que através da dimensão lúdica podemos contribuir nos processos educativos para desenvolvimento das relações inter-étnica. Os jogos e as brincadeiras possuem múltiplas funções: podem contribuir com a comunicação e interiorização das normas e conveniências, diversificação dialética de tensões e distensões comportamentais, pode ser usado para libertação ou adestramento do corpo (PRISTA, TEMBE, EDMUNDO, 1992). Contudo, “ninguém facilita o desenvolvimento daquilo que não teve oportunidade de aprimorar em si mesmo. Ninguém promove a aprendizagem de conteúdos que não domina, a constituição de significados que não compreende nem a autonomia que não pôde construir” (MELO, 2010).

Isto significa que acolher e apoiar-se em atividades lúdicas para favorecer uma identidade positiva na perspectiva étnica racial implica vivenciar situações que contribuam com a consolidação de tal competência.

É imprescindível que o professor que se prepara para lecionar na educação básica demonstre que desenvolveu ou tenha oportunidade de desenvolver, de modo sólido e pleno, as competências previstas para os egressos da educação básica, tal como estabelecidos nos artigos 22, 27, 32, 35 e 36 da LDB e nas diretrizes curriculares nacionais da educação básica. Isso é condição indispensável para qualificá-lo como capaz de lecionar na educação infantil, no ensino fundamental ou no ensino médio. MELO, 200

O presente estudo repousa sobre os seguintes princípios: “[...] o professor aprende a profissão no lugar similar àquele em que vai atuar, porém, numa situação invertida. Isso implica que deve haver coerência entre o que se faz na formação e o que dele se espera como profissional”. (MELLO, 2010); o fenômeno lúdico é base da civilização e constitui-se uma das dimensões do viver humano (HUIZINGA, 1996); A dimensão lúdica do ser favorece o seu conhecimento sobre e com o mundo, contribuindo para consolidar aprendizagens essenciais à vida. (RAMOS, 2003; 2005). Como pilares conceituais adotou-e a Teoria da Complexidade (MORIN, 2005), a Teoria Autopoiética (MATURANA; VARELA, 2001)), as quais se entrecruzam com a concepção de educação como prática da autonomia, da liberdade, da esperança e do encantamento (FREIRE, 1996, 1992; ASSMANN, 1995). As

Aqui se propõe que as atividades lúdicas sejam trabalhadas de forma abrangente, resgatando a dimensão da perspectiva histórica e a contribuição desses vários povos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

para o que somos hoje como nação e cidadãos brasileiros. Apesar do incremento nas pesquisas e dissertações produzidas sobre o tema, ainda encontramos pouca referência entre o lúdico e a diversidade.

A EXPERIÊNCIA LÚDICA

Usualmente os livros escolares concentram a contribuição do negro mundo da música, da dança, da culinária e, no máximo, da religião. Contudo, ao aportar no Brasil os negros traziam um patrimônio cultural material e imaterial. Artefatos, hábitos, textos orais e escritos, rituais, jogos, folguedos, histórias, suas lembranças e saberes, bem como suas religiões, tecnologias e trabalho constituem-se um pedaço de sua contribuição e participação na constituição do povo brasileiro.

Seus folguedos e seus jogos, muito mais do que “meros objetos lúdicos” representavam sua prática social, as complexas relações potencializadas pelo lúdico em espaços de fronteiras étnicas e culturais.

Fazendo um recorte específico quanto aos artefatos lúdicos, identificamos, na cultura africana, diversos jogos de tabuleiro comumente utilizados no dia a dia nas comunidades. Destes podemos citar: Mancala, Bao, BangaChal, Yoté, além das rodas e folguedos. Neste projeto propomos a apresentação dos jogos e brincadeiras usuais ao cotidiano dos africanos, ao tempo em que estudamos sua raiz e historicidade e vivenciamos tais atividades lúdicas refletindo sobre as possibilidades metodológicas que as mesmas trazem.

Além do regate identitário, a idéia é capacitar professores e educadores, da rede pública e privada de ensino, para utilizar acolher estes artefatos lúdicos não só em sala de aula, mas também em atividades extracurriculares, promovendo a interação com o outro, o reencontro com o lúdico e o prazer da brincadeira, a convivência mediada por regras, o desafio de novas habilidades, do pensamento lógico e da inteligência, além do contato com tradições culturais dos mais variados povos – essa riqueza da humanidade



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A proposta inicial foi desenhar o perfil das estudantes e seu conhecimento sobre artefatos lúdicos que resgatam a cultura afrodescendente. Ao identificar o desconhecimento das professoras, nos levou a estruturar uma oficina com duração de 20 horas, quando foram apresentados artefatos lúdicos, tais com músicas, jogos e brincadeiras que são originalmente da cultura afrodescendente, e resgatam de forma lúdica e positiva a característica e importância do povo afrodescendentes.

Constitui-se objetivo principal sensibilizar o docente quanto à compreensão e reconhecimento de que os jogos e brincadeiras são dotados de conteúdos culturais que influenciam na formação da identidade étnico-racial das crianças no âmbito escolar, constituindo-se, portanto, mecanismo de mediação intercultural em classes de ensino fundamental.

Além disso, proporcionar espaço e tempo para as educadoras refletirem sobre o papel das práticas lúdicas na elaboração dos referenciais identitários étnico-raciais na formação de professores.

A arquitetura deste estudo contempla as seguintes ações: Nível 01 - Resgate e identificação dos jogos e brincadeiras tradicionais, especialmente aqueles vivenciados na infância dos docentes; Nível 02 - Vivência de jogos e brincadeiras tradicionais diversos; Nível 03 – Identificação da origem dos jogos e brincadeiras vivenciados, reconhecendo sua identidade étnica, e relacionando-os ao seu cotidiano pedagógico.

Para tal dialogamos com Nóvoa e Finger (1988), Nóvoa (1995) e Souza (2002). Ainda, sobre as experiências lúdicas, Brougère (2000), Santa Marli (2001), Negrine (2001) e Ramos (2003). O percurso metodológico, cuja natureza é qualitativa, utiliza como eixo a pesquisa exploratória, centrada nos relatos de vida e na vivência das atividades lúdicas tradicionais, que irá constituir o percurso formativo das docentes.

Seu foco é dirigido à desconstrução de estigmas relacionados a questões raciais e étnicas, através da difusão cultural dos jogos e brincadeiras tradicionais das diversas culturas, ainda considerado marginais, porém parte do patrimônio da humanidade. Além disso, a proposta formativa, fruto da pesquisa realizada, pretende atender a formação



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

junto a educadores e educandos, de valores e posturas que contribuam para que os cidadãos valorizem seu pertencimento étnico-racial.

O trabalho foi dividido em três etapas: conhecer, saber e fazer. Assim, ao tempo em que vivenciávamos os jogos, brincando com os mesmos, estudávamos sobre sua origem, bem como a característica daquela região da África. Acompanhando este ritmo, confeccionamos os tabuleiros de jogos e reescrevemos suas regras, para favorecer a aplicação do mesmo na sala de aula.

Para a atividade escolhemos 5 tipos de jogos de tabuleiro que são representação específica da cultura africana, retirados da obra “Jogos de Moçambique”. (PRISTA; TEMBE; EDMUNDO, 1992). Os artefatos lúdicos delimitados para a atividade foram jogos de tabuleiro, a saber: Yoté, Oware, Mancala, Shisima.

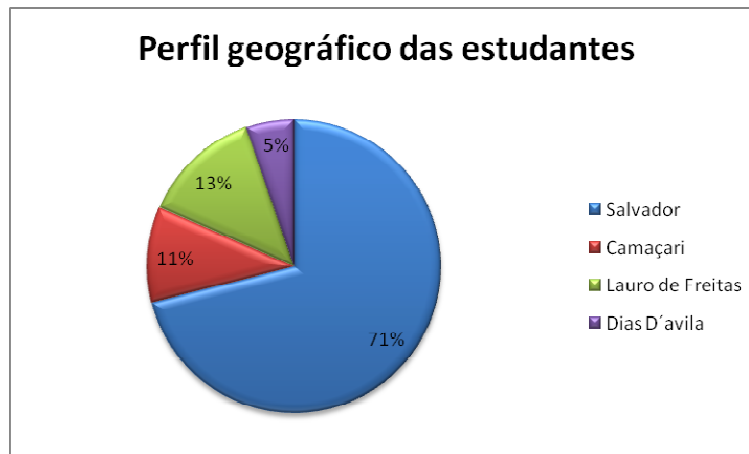
O Yoté, em alguns países africanos está muito ligados às tradições. Suas táticas constituem-se verdadeiros segredos de família, passados de geração em geração. O ensinamento das regras do jogo acontece de forma oral, e às crianças são iniciadas no mesmo quando estas se mostram aptas ao raciocínio estratégico.

O Oware e a Mancala, por sua vez, são considerados muito populares. O primeiro ao longo da costa Oeste Africano e do Caribe o segundo, em toda a região oeste da África (particularmente no Senegal). O jogo “Borboleta” é assim denominado talvez pela forma de seu tabuleiro. Na Índia e em Blangadesh, as crianças chamam o mesmo jogo de Lau Kata Kati. E o Shisima é um jogo do Quênia, cuja denominação na língua tiriki significa "extensão de água".

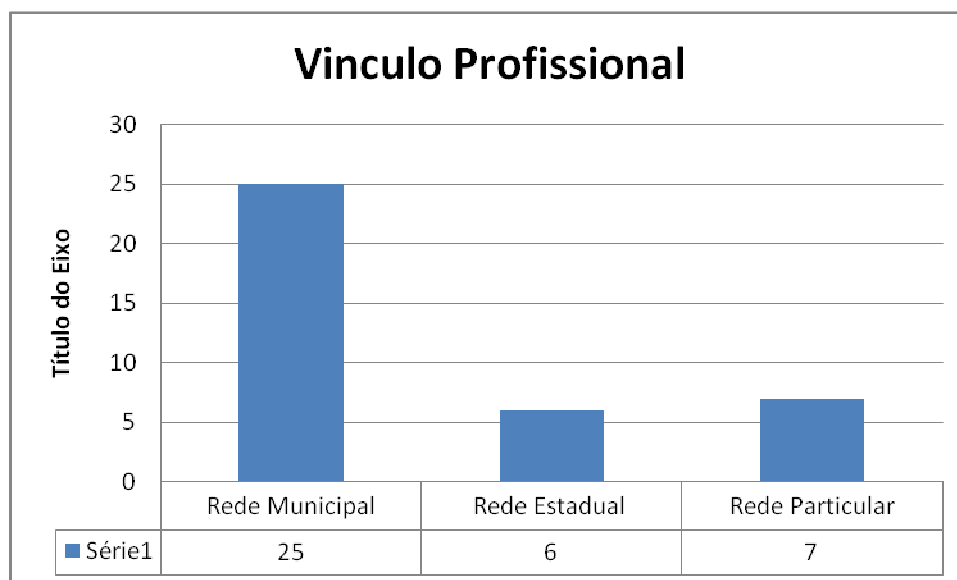
As experiências foram registradas em um diário de notas, com intenção de estabelecer uma reflexão sobre ação. Esta prática, além de um recurso pedagógico para auxiliar na construção das aprendizagens, permitiu a consolidação de saberes de processos educativos inter-étnicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As oficinas foram organizadas para o primeiro semestre de 2011 e dela participaram 38 professoras da rede municipal de ensino, tanto de salvador, quanto região metropolitana.

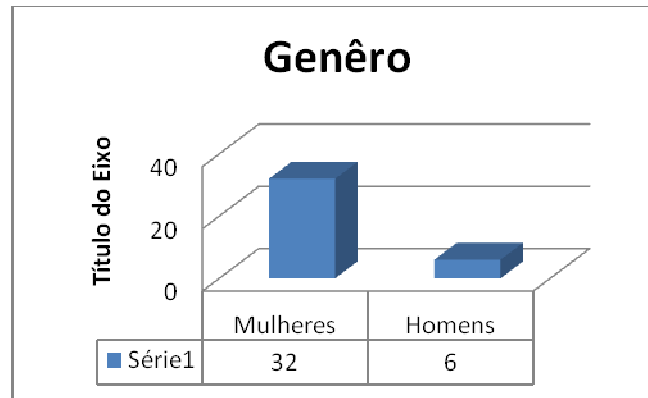


No que diz respeito a vinculação profissional, encontramos o seguinte panorama:



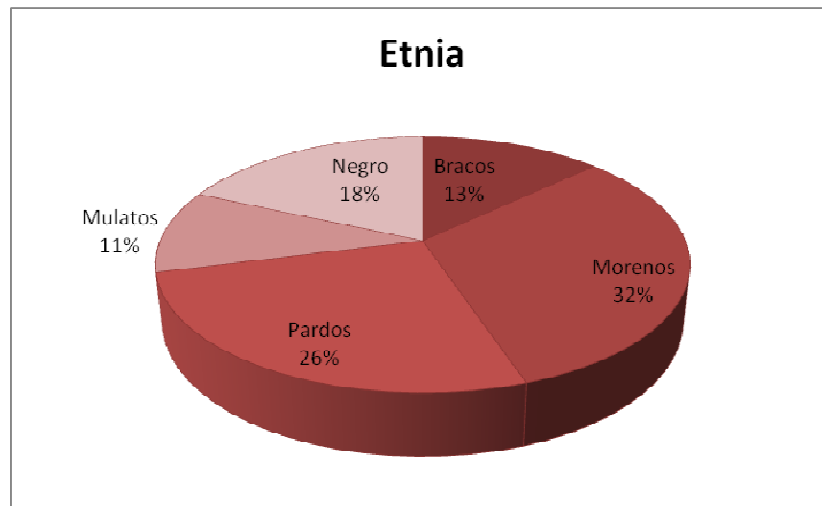
Embora esse grupo não se constitua uma amostra representativa da população de professores da rede municipal baiana, a amostra nos revela o potencial que um trabalho de tal natureza pode repercutir na formação docente. As oficinas foram realizadas em dois finais de semana, em um espaço cedido para tal.

O grupo era composto, predominantemente, feminino; as mulheres representam 84% dos estudantes enquanto os homens apenas 16%. As casadas representam 49,1%, contra 39,9% das solteiras e apenas 11,0 % se colocam em outra condição. Dentre elas, 56,8% possuem filhos e 43,2% não possuem.



No que diz respeito à etnia, consideraram-se pretos 18,5% dos estudantes, percentual muito próximo dos que se declaram brancos (21,5%); os morenos são 33,3% e os

pardos/mulatos, 26,7%.



No que diz respeito à origem étnico-racial, constatamos que a maior parte dos professores se autoclassifica como parda, mas, considerando que as classificações morena, morena clara, preta e negra dizem respeito à raça negra, a maior parte dos professores se autodenomina afro-brasileiro. Porém, não podemos deixar de mencionar o número de professores que se considera branco e amarelo, como pode ser observado, a seguir:

Em relação ao vínculo com a rede de ensino, temos professoras substitutas 34%; concursado 62%, não informado 4%. A aderência de pessoas concursadas pode, em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

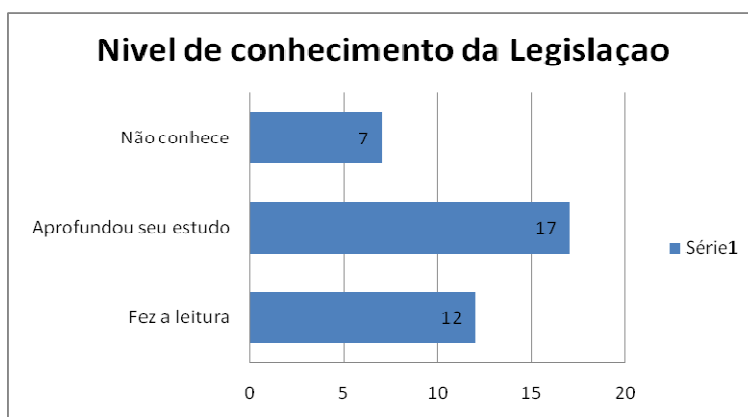
Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

nosso entendimento, favorece o trabalho contínuo enquanto o contrato pode impedir que práticas interessantes e eficazes sejam continuadas.

Do grupo que participou da oficina, 30 conheciam a lei porém não haviam estudado ou aprofundado ao texto. 4 desconheciam o teor na lei. E 4 participavam de grupo de estudos e aprofundavam-se continuamente quanto as questões de diversidade, raca e etnia.



Quanto ao uso das estratégias lúdicas, apenas 5% das professoras conheciam 3 dos jogos trabalhados. As demais, nunca haviam tido contato ou trabalhado com estes recursos para o fortalecimento da identidade étnico racial.

Dentre o grupo pesquisado, apenas 79% utilizava frequentemente recursos da musica e dança para trabalhar o conhecimento da cultura africana. Porém destes, apenas 12% investiram em avançar o estudo sobre a cultura do povo a que se referia a atividade. As demais informaram que este recurso era mais utilizado de forma superficial. As demais não utilizavam deste recurso.

CONCLUSÃO

Precisamos no nosso trabalho cotidiano, internalizar que a diferença não constitui;se um desvio, mas diversidade. E nesta perspectiva, enriquece nossas práticas e as relações entre as crianças, permitindo, desde cedo, o enfrentamento de praticas de racismo, a construção de posturas mais abertas às diferenças e, conseqüentemente, a construção de uma sociedade mais plural. (ABRAMOWICZ et al, 2006, p. 74)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Consideramos que o professor e a professora devem propiciar situações de aprendizagem que favoreçam a posituação das relações étnico raciais no Brasil e que os jogos de origem africanas que trabalhamos permitem à consolidação de forma positiva de uma identidade afrodescendente que tem raiz histórica.

REFERENCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília: MEC, 2004.

_____. Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais. Brasília: SECAD – Secretaria da Educação Continuada, 2006. 261p.

_____. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília: MEC, 2004.

_____. Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais. Brasília: SECAD – Secretaria da Educação Continuada, 2006. 261p.

_____. Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais. BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p.

Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília: MEC, 2004.

FERREIRA, A. J. Formação de professores raça/etnia: reflexões e sugestões de materiais de ensino em português e inglês. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 2006.

MUNANGA, K. Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

PRISTA, António; TEMBE, Mussá; EDMUNDO, Hélio. Jogos de Moçambique. Lisboa: Instituto Nacional de Educação Física, 1992. 79p.

ROSEMBERG, Fúlvia. Raça e desigualdade educacional no Brasil. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

SEPPIR, A igualdade racial pode começar pela educação. (Folder do 3º Fórum Mundial de Educação) Brasília DF: 2004.

SILVA, Petronilha B. G. e. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afro-descendentes e africanos, In: BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVA, Petronilha B. G. e. (Org.). De preto a afro-descendente: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil – São Carlos: EdUFSCar, 2003.